

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
NORMAL SUPERIOR**

ROSIANE MUNIZ MELLO DE SOUZA

O MUNDO MÁGICO DOS LIVROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rio de Janeiro

2012

ROSIANE MUNIZ MELLO DE SOUZA

O MUNDO MÁGICO DOS LIVROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Profa. Esp. Valéria Gomes Lopes

Rio de Janeiro

2012

So895m Souza, Rosiane Muniz Mello de

O mundo mágico dos livros na educação infantil / Rosiane Muniz Mello de Souza. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2012.–
30 p.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2012.
Orientador: Profa. Esp. Valeria Gomes Lopes

1. Educação. 2. Normal Superior. 3. Educação Infantil. 4. Leitura. 5. Mediação de Leitura. 6. Espaço. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

ROSIANE MUNIZ MELO DE SOUZA

O MUNDO MÁGICO DOS LIVROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em novembro de 2012

EXAMINADORES

Prof^a.: Esp. Valéria Gomes Lopes
Orientadora

Profa. Dra. Cristina Laclette Porto

Profa. Esp. Maria Delcina Feitosa

LICENÇAS

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Esta obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2012.

ROSIANE MUNIZ MELLO DE SOUZA

Dedico esta monografia, em primeiro lugar,
ao meu Deus, autor e consumidor da minha fé.

Às minhas lindas filhas, Eduarda e Roberta,
os grandes amores da minha vida.

À toda a minha família, que esteve sempre ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Maria Cecília Almeida e Silva e à Madalena Freire, pela oportunidade de realizar meu sonho. Foi um privilégio tê-las como minhas professoras.

A toda equipe do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, em especial, às professoras Maria Delcina Feitosa, Melissa Lamego, Cristina Laclette Porto, Anna Maria Lacombe e Valéria Gomes Lopes.

Aos meus amigos Wallace Gutemberg e Ana Rosa da Silva Justino dos Santos, que me ajudaram com palavras positivas, levando-me à realização desse sonho, que não foi só meu, mas de todos os que contribuíram para a minha conquista!

“Não existe educação sem conhecimento,
sem amor, sem esses “temperos” que
condimentam o sentido da vida, da
educação.”

Madalena Freire

RESUMO

Esta pesquisa visa a contribuir com o processo de desenvolvimento cognitivo, social, cultural, e emocional das crianças, por meio do contato com histórias, agregando-lhes valores e aquisição de conhecimento. O educador, desde o berçário, deve aguçar o prazer pela leitura; desenvolver a linguagem oral e escrita e a capacidade de ouvir histórias, oportunizando a socialização das obras literárias com as crianças. A criação de um espaço adequado favorece o contato com os livros, mas o fundamental é que haja professores apaixonados pela leitura.

Palavras-chave: Livros. Leitura. Criança. Linguagem. Educador. Espaço.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O PAPEL DOS LIVROS NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO	13
1.1 Iniciando minha aventura como educadora	14
1.2 A trajetória da capacitação	16
2. A CRIANÇA E O LIVRO NA CRECHE	19
3. COLHENDO OS FRUTOS	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, a educação preocupa-se em contribuir para a formação de um indivíduo crítico responsável e atuante na sociedade. Isto porque se vive em uma sociedade na qual as trocas sociais acontecem rapidamente, seja por meio da leitura, da escrita, da linguagem oral ou visual.

É por meio do mundo imaginário e fantasioso da literatura infantil que o ser pensante elabora melhor seu aprendizado. Brincando nesse faz de conta, as crianças também descobrem limites, medos, alegrias. Por meio das narrativas, há diversas possibilidades de criar, inventar, fazer e refazer histórias contadas pela própria criança.

Para ajudar a pensar sobre o processo de criação da criança, podemos partir das considerações de Vygotsky (1997) sobre a imaginação, entendida como matéria prima desse processo em qualquer área artística e até mesmo científica. Vygotsky não separa a imaginação da realidade.

Nesse processo, a criança constrói um campo imaginário de sua própria autoria, mostrando o que conhece, o que percebe e o que acontece a sua volta. Tem no seu consciente uma pré-formação desenvolvida do que são histórias e contos de fadas. Diante disso, o presente trabalho visa a influenciar a creche na busca de conhecer e desenvolver na criança as competências da leitura e da escrita e avaliar como a literatura infantil pode influenciar de maneira positiva neste processo. Bakhtin (1992) defende que a literatura infantil, por ser um instrumento motivador e desafiador, é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável por sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade. Sendo assim ela é fundamental para a aquisição de conhecimentos, recreação, desenvolvimento da linguagem e interação decorrentes do ato de ler.

De acordo com as ideias acima, percebe-se a necessidade da aplicação de atividades que despertem o prazer de ler e estas devem estar presentes diariamente na vida das crianças, desde bebês.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, observei como a literatura infantil estava presente na creche em que trabalhei, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. A partir do aprofundamento do meu olhar para o tema,

proporcionado por meus estudos no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS) desenvolvi atividades com meus alunos do maternal I, com idade entre 3 e 4 anos, tendo como base a minha própria experiência infantil, na qual não tive a oportunidade de entrar em contato com os livros. Avalio que muitas das dificuldades que enfrento hoje, em relação, principalmente, à linguagem escrita, têm raiz nesse fato.

Nas próximas páginas, o leitor encontrará, no primeiro capítulo, um pouco mais da minha história pessoal e das leituras que fundamentaram meus trabalhos. O segundo capítulo trata da minha experiência profissional e das influências positiva. Os resultados obtidos com a pesquisa estão no terceiro capítulo. Nas considerações finais, reafirmo que, quanto mais cedo a criança for estimulada a ter contato com os livros, maior será sua facilidade com a linguagem oral e escrita.

1 O PAPEL DOS LIVROS NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO INFANTIL

Minha história é marcada por uma infância sem livros, sem leitura, em um mundo restrito, com poucas informações. Como viver sem conhecer o mundo imaginário e fantasioso se é através desse mundo que o ser pensante elabora melhor seu aprendizado?

Vygotsky não separa imaginação e realidade, porém eu só tinha a minha realidade. Conforme a leitura do mundo, do pequeno mundo em que me movia. Eu morava em um sítio cheio de árvores e um grande pomar com variedades de frutas e flores, quintal de terra batida, rios, lagos, peixes, animais domésticos e selvagens. Conheci várias espécies de cobras.

Um dia, entrou uma cobra dentro da minha casa; estava na minha cama, perto de mim e quase fui picada! Minha mãe viu e ficou apavorada, gritou muito; acordei assustada. Na época, eu tinha uns 11 anos. Adivinha quem matou a cobra? Eu, pois a minha mãe é muito medrosa.

O quintal da minha casa foi meu primeiro mundo, com muitas vivências, riscos e aventuras. Esse foi o mundo de minhas primeiras leituras; eu me vi um pouco dentro do texto de Paulo Freire.

Compreender a importância do ato de ler remeteu-me à minha infância. Por esse motivo, estou me baseando no texto de Paulo Freire de mesmo título. Ele fala dos pássaros e o que marcou a minha infância foi o bem-te-vi, meu apelido de criança. Nunca gostei desse apelido, mas os meninos, por não terem o que fazer, o colocaram em mim.

A minha família não tinha o hábito da leitura, por isso essa cultura não foi introduzida no meu cotidiano. Nunca tive a oportunidade de manusear livros, revistas, jornais ou visitar uma biblioteca. Esse ambiente era algo desconhecido por mim. Hoje me pergunto: será que na minha escola tinha biblioteca? Acho que tinha, mas só para os professores. Para quê criança pegar um livro? Não sabe ler! Essa era a mentalidade reinante à época.

Será que realmente a criança que não sabe ler e não pensa? Não imagina? Não cria suas próprias fantasias e suas histórias?

Eu ouvia muitas lendas e casos narrados pela minha mãe. Ela contava cada um que parecia até mentira, mas ela jurava ser verdade. Conheci o

mundo imaginário, porém o enredo era mais de conflito e medo, nunca tinha um final feliz.

Eu não tinha contato com os livros, com as imagens e com as letras, para aquisição de conhecimentos sobre o que eu ouvia ou vivenciava.

O livro tem esse poder; nele a criança visualiza as imagens, sendo motivada e desafiada à compreensão do contexto, faltou esse instrumento fundamental na minha infância.

Quando cheguei à escola, com 7 anos, foi uma dificuldade com a linguagem, sem letras. Minha alfabetização foi complicada; conhecia a palavra “mundo”, mas a sua escrita não tinha o menor significado para mim. Na minha escola também não havia livros, aliás, tinha uma cartilha para que eu levasse para casa, decorasse e lesse com a professora. Eu repetia sempre a cartilha, por não desenvolver uma leitura satisfatória, e, o pior, era passar esse constrangimento perante a turma.

Os anos foram se passando, eu tinha um sonho, queria ser professora de português. Fiquei sabendo que teria duas disciplinas - português e inglês, ou português e literatura, aí desisti por dois motivos: não dominava o inglês e não gostava de literatura. Hoje me arrependo, a falta de conhecimento é muito triste, nos deixa pobres.

Nesse sentido, avalio que a literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de informação, seja pelo espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/ texto estimulado pela escola. (COELHO, 1991)

1.1 Iniciando minha aventura como educadora

Vou narrar um pouco da minha trajetória para chegar à creche municipal Sementinha, localizada no Morro do Juramento, em Vicente de Carvalho, na Cidade do Rio de Janeiro.

Tudo começou em 2004. Recebi um convite de uma vizinha para deixar o meu currículo na creche; era o último dia de entrega. Fui selecionada para ser recreadora e, a princípio, exigia-se o segundo grau para trabalhar com as crianças. Tive treinamento de uma semana com a equipe da Fiocruz e, depois, tudo aconteceu na prática.

Quando cheguei para desenvolver as novas tarefas, não sabia por onde começar, não tinha teoria nem entendimento do que seria educação infantil. Levei, na bagagem, boa vontade, amor e carinho para começar meus primeiros passos sem compreender tudo aquilo que estava acontecendo.

Foi uma experiência muito importante que me oportunizou percorrer novos caminhos com muitas curvas e trilhas desconhecidas. A diretora sempre compartilhou seus saberes e nos ajudava em tudo o que fosse possível. Foi um ano de grandes conquistas, a creche foi inaugurada e muitas crianças e famílias chegaram àquele lugar. O espaço era lindo, um lugar maravilhoso para receber as crianças da comunidade.

Cheguei àquele lugar, me encantei com tudo que vi: as salas, o parquinho e o solário. O berçário era bem colorido, mas, aos poucos, cada sala foi arrumada do jeito das recriadoras. Fiquei com o berçário, trabalhei com aquela turma durante 2 anos e meio. Lembro-me das crianças vindo ao meu encontro, sempre com sorrisos. Mas, como organizar atividades para aquelas crianças? Brincadeiras e músicas não faltavam, mas onde estavam os livros e as histórias? Ainda não estavam no meu currículo.

Às vezes, eu contava histórias para passar o tempo sem intenção nenhuma de desenvolver a linguagem oral nem a escrita; desconhecia que a construção da escrita é longa e se inicia nos primeiros anos de vida. Como contar histórias para bebês ou apresentar os livros para eles? Nessa época, tudo era novo para mim, eu não olhava para os livros, estavam esquecidos em alguma parte da creche.

No meu currículo interno estavam os brinquedos diversificados, músicas infantis e brincadeiras, com as quais a criança que fui tinha liberdade de se expressar, desenvolvendo vínculos afetivos e relações saudáveis de convivência.

Em minha opinião, pegar um livro e contar uma história para um bebê não era possível. Eu pensava que não havia interesse nessa faixa etária; não compreendia a importância de proporcionar atividades com os livros oferecendo o toque através da textura que os livros possuem, a visualização das imagens que apresentam em suas páginas e, o melhor, muita diversão durante os momentos das contações de suas narrativas. Apesar de pouca

concentração, ao entrarem em contato com diferentes livros, há um ganho muito grande. No entanto, esse mundo da leitura ainda não me pertencia.

O tempo foi passando, os encontros pedagógicos acontecendo, as palestras assistidas e os profissionais de educação proporcionando novos aprendizados e ajudando a construir uma educação infantil com valores culturais, linguagem verbal, oral e escrita, ampliando as possibilidades da criança se expressar, reconhecendo o importante papel dessa linguagem na sua constituição de sujeito falante. Até eu chegar a esse entendimento demorou muito, foi uma construção e ainda está sendo.

Nessa época, os bebês estavam à parte da leitura, mas um dia, na creche, recebi um texto escrito assim: Bebeteca, lugar de pequenos leitores. Lendo-o, descobri que, mesmo antes de saber falar, sentar ou segurar um livro, os bebês podem e devem ter histórias em sua rotina.

Também descobri que:

*“Bebês leitores...
Possuem vocabulário mais extenso;
Tem mais oportunidades de falar e se expressar, fazem mais associações;
Aprendem as noções de causalidade e tempo;
Desenvolvem a capacidade representativa e simbólica por meio da escrita, da ilustração, da fotografia e da imagem;
Adquirem um repertório maior de histórias;
Desenvolvem a capacidade de concentração;
Aprendem a ouvir.” (REVISTA NOVA ESCOLA, nov., 2007)*

Com tantas possibilidades de aprendizagem, comecei a refletir sobre a minha prática: que rumo tomar? E como fazer?

1.2 A trajetória da capacitação

É difícil enfrentar o novo, acreditar nas mudanças, no seu potencial, na capacidade de transformar uma turma em pequenos leitores... Educar dá trabalho!

Todo mundo sabe que ler é hábito, que passa de geração para geração e que deve se começar bem cedo. Por isso acredito que o livro é um instrumento de muito valor nas mãos dos bebês e das crianças maiores. Por volta dos 6 meses de idade, textos e ilustrações são compreendidos como reproduções da realidade e do mundo simbólico, “ler só aumenta o contato com o mundo, com as experiências de vida possíveis para a faixa etária. Livro tem

de ser considerado brinquedo!”, comenta Silvana Augusto selecionadora do prêmio Victor Civita Educador nota 10. (REVISTA NOVA ESCOLA , out., 2007)

Lendo essa reportagem da Nova Escola, desconstruí minha maneira de pensar sobre o livro. Minha fala era assim: livro não é brinquedo. Agora começo a refletir como as crianças veem os livros. O contato com os mesmos, principalmente nas mãos dos pequenos leitores, é fantástico, eles ficam fascinados, com um olhar curioso, estabelecem uma relação muito rápida com os livros, oportunizando a compreensão do que acontece no seu entorno.

Quando a criança bem pequena ouve uma história e tenta verbalizar as palavras, desenvolve também a linguagem oral e a escrita, mesmo que ainda não saiba falar ou ler, como descreve João Ubaldo Ribeiro. Daniela Panutti, psicóloga e orientadora pedagógica do Colégio Vera Cruz em São Paulo completa: “as noções da causalidade e organização do tempo também são exploradas nessa situação. Em médio prazo, crianças que ouviram histórias desde pequenas articulam melhor as palavras e adquirem vocabulário mais extenso”. (REVISTA NOVA ESCOLA , out., 2007)

Nas atividades diárias, às vezes eu pegava um livro e lia para os bebês, mas não tinha uma rotina nem espaço planejado, tudo acontecia por acaso. Entretanto, mesmo nas poucas vezes em que levava livros para a sala, as crianças não podiam tocar, explorar, visualizar de pertinho. Os livros ficavam todos no alto da estante, dificultando o convite à leitura e o aprendizado das crianças.

Houve um processo de construção no decorrer da minha caminhada, uma mudança que ocorreu de dentro para fora. Em meu primeiro contato com o livro, eu lia as imagens e não as palavras; era instigada pelo que via, lia as cores, os animais, o colorido do arco íris etc. O livro era um brinquedo, um objeto que eu não sabia manusear.

Admirava a beleza do livro, mas raras vezes escolhia um livro com o intuito de ler para ampliar meu vocabulário, por exemplo. Com o manuseio dos mesmos, fui me apropriando um pouco da linguagem oral.

Uma das mais importantes heranças culturais de nossa sociedade é a linguagem. Sabe-se que a relação dos indivíduos com o mundo não é direta, mas mediada por sistemas simbólicos diversos, socialmente elaborados, nos quais a linguagem ocupa um papel central. (BRASIL, 2002, p. 18)

Todas essas indagações e observações foram se tornando mais intensas a partir do momento em que, seguindo às minhas exigências internas de conhecer mais o universo infantil, ingressei no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS). Ao longo de seis semestres, a cada aula, ia sendo provocada por meus professores a pensar no valor da leitura e da escrita.

O ISEPS incentiva o aluno a conhecer novos valores na educação infantil. Sensibilizando a cada aula, com uma ferramenta: a “nutrição estética”. É um diferencial que caminha por varias áreas da arte, trazendo recordações e informações, entre elas estão as músicas, esculturas, pinturas (...) a nutrição sensibiliza o olhar do professor, como sujeito que está sempre em transformações.

A disciplina chamada de Alfabetização Cultural foi para lapidar meu mundo da arte, aprimorar minha formação, ampliar o conhecimento do mundo e da cultura, pois proporcionava visitas a centros culturais, idas ao teatro e ao cinema; entre outros de modo que pudéssemos reconhecer melhor a importância da linguagem artística. A partir de um poema: Canção do Exílio de Gonçalves Dias, fiz uma versão, a pedido da professora Melissa Lamego.

Minha Terra

Minha vida, minha gente,
Terra, estou contente,
Em saber de repente que a arte
E a cultura acompanhava a gente.

Alegria e fantasia,
Harmonia e cantoria,
Terra quente, terra fria
Terra de boa gente.

Terra de beijos molhados,
Corpos ardentes e corações apaixonados.
Viva a terra da gente!

Terra que ama, que chora,
Que canta, que dança
Que treme e estremece,
o coração dessa gente! (SOUZA, 2010)

2 A CRIANÇA E O LIVRO NA CRECHE

Uma nova etapa na minha vida se iniciou, quando fui lecionar na turma do maternal I (crianças 3 a 4 anos), em 2007. Levei na minha bagagem alguns livros e vivências do meu cotidiano, novamente me encontrei com a mesma realidade: crianças sem livros, sem leitura, com poucas possibilidades de ampliar seu vocabulário e pouco acesso à cultura pela oralidade.

Para aguçar o desejo pela leitura, é preciso que o educador seja afetado e desperte o interesse da criança, buscando estratégias para iniciar um bom trabalho na turma. Os livros são os recursos qualificados para desenvolvermos um campo imaginário fértil, motivador e desafiador; influenciando as crianças de maneira positiva.

Minha proposta, enquanto educadora, é contribuir para formar pequenos leitores, capazes de pensar, criar, dialogar e interagir, tornando-os sujeitos criativos, autônomos e capazes de construir suas próprias autorias, conforme nos esclarece as Orientações Curriculares para a Educação infantil:

As crianças têm um papel ativo na aprendizagem da leitura e na construção de suas escritas. O trabalho com a oralidade, a leitura e a escrita é então entendido como processo, como experiência socialmente construída e explorada em toda a sua complexidade, garantido às crianças, o direito de acesso à cultura humana pelo falar, ler e escrever na instituição de educação infantil. (BRASIL, 2010)

E, assim, uma nova conquista realmente se iniciou na minha vida, quando comecei a frequentar a biblioteca da creche, um espaço que me proporcionou um comprometimento com a leitura. Passei a refletir sobre a realidade e a imaginação dentro dos contos de fadas, lendas, poesias e outros gêneros. O que eu mais gostava de ler eram histórias infantis, aqueles livros bem fininhos; e assim fui me familiarizando e desfrutando de bons livros.

Ter as obras à mão aumenta a curiosidade, aproximando-nos de novas culturas. Aos poucos fui selecionando livros para ampliar minha comunicação oral e meus horizontes, incentivando-me para a formação de leitores, descobrindo, eu mesma, o prazer de ler. Como mediadora de leitura, buscava ideias significativas, interessantes e prazerosas. O primeiro passo era desvendar o prazer de ler e apresentar a obra de forma divertida. Precisava fazer uma investigação com as crianças: como se relacionam com os objetos, com a natureza, do que gostam de brincar, falar e comer?

A partir desse estudo, o próximo passo era trazer para a sala os livros do interesse das crianças e não aqueles que eu acreditava serem ótimos para eles. Valorizar e estimular a leitura como uma brincadeira espontânea na qual o sujeito aprende brincando, também foi uma de minhas iniciativas.

Pesquisando na internet para favorecer meu trabalho com o maternal I, encontrei as seguintes sugestões:

- Organizar o cantinho da leitura;
- Nomear o lugar junto com as crianças;
- Selecionar os materiais que possam ser manuseados pelas mesmas, como: livros, revistas, jornais, gibis, encartes e outros;
- Livros grandes, pequenos e coloridos.

Com base nessas orientações, eu e as crianças construímos nosso espaço:

Fig. 1 – Livros

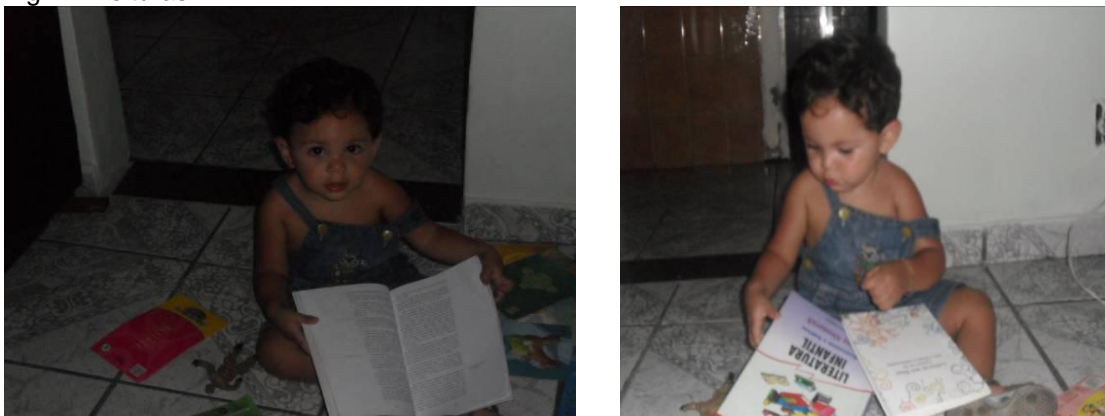


Fonte: Acervo da autora

O livro é um instrumento essencial para a leitura, a chave mágica que ajudará nesse processo de descobertas e surpresas. Tudo é novidade, e o livro será um brinquedo nas mãos das crianças. Como costuma dizer a consultora

pedagógica Regina Scarpa, “é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido”. O aluno M representa bem essa ideia:

Fig. 2 - Leituras



Fonte: Acervo da autora

Conforme as orientações curriculares preveem, “as crianças enriquecem seu repertório imaginário ajudadas pelos recursos que o educador lhes proporciona e pela interação com os educadores e seu pares.” (BRASIL, 2010)

É importante atentar para faixa etária e os temas que interessam mais aos pequenos leitores. Particularmente, gosto muito da coleção *Amiguinhos Felpudos*, pois tem livros “especialmente desenvolvidos para entretenimento dos bebês, confeccionados em material ideal, resistente, seguro e em formato bastante atraente, com recortes que contornam as formas dos personagens, lindamente coloridos com pequenas histórias que incentivam a criança a reconhecer objetos e seres vivos e a falar sobre temas e imagens presentes em seu cotidiano”. Por isso, vale a pena ter na biblioteca.

A *Ciranda Cultural* é outra coleção ótima para crianças a partir de 3 anos, a *Canção dos animais* e *A diversão na floresta* levam as crianças a um mundo surpreendente! Quando quiser, os animais da floresta estarão prontos para cantar com os alunos, em coro ou sozinho, de acordo com a melodia que escolher, pressionando um dos botões do módulo. Tocar, cantar e se divertir com as informações trazidas na capa do livro.

No cantinho da leitura não pode faltar livros de fantoches, de plástico e de tecido para proporcionar uma diversidade de texturas, visualização das imagens e cores. Esse contato será essencial para o desenvolvimento social, cultural e para as situações comunicativas diversas.

É essencial lembrar que temos de ter cuidado com os livros e com os materiais oferecidos no cantinho da leitura. É preciso fazer mediação, sinalizando esse cuidado e carinho com os livros, revistas, estabelecendo vínculo e combinados na hora do manuseio dos mesmos.

O convite para reconstruir os livros é uma ótima estratégia. Quando algum imprevisto resulta em folhas rasgadas, capa solta, por exemplo é interessante oferecer às crianças cola, fita adesiva e grampeador e, junto com o professor, colocar mãos à obra, reforçando sempre os combinados: não rasgar, não amassar e não puxar o livro da mão do colega.

Redigir algumas frases sinalizadoras, como: “O livro é nosso amigo, precisamos cuidar dele!”, “A história desse livro é linda!”, estimulando e elogiando as crianças ao final de cada página colada, funcionou muito bem com a minha turma. “Olha, como o nosso amigo está bonito”, “Agora vamos colocar no cantinho da leitura para lermos amanhã”, “Obrigado crianças!”, são afirmações que as fazem se sentir importantes e responsáveis pela conservação do livro.

O cantinho da leitura deve ser um espaço aconchegante, agradável e confortável; um ambiente que desperte a curiosidade e o desejo de sentar e manusear os materiais expostos. O tapete de tecido, ou emborrachado, ou algumas almofadas dão um toque especial no espaço. No entanto, se não temos tais recursos, não significa deixa de fazer o cantinho, pois é preciso usar a criatividade. As esteirinhas e as mesas da sala também podem servir como um ótimo lugar para os pequenos leitores.

O momento da leitura deve ser prazeroso e não imposto pelo educador, o convite precisa chegar com alegria, precisa ir ao encontro da criança. Quando eu chamo para ouvi uma história, é notável no rosto das crianças, a felicidade. Por isso é preciso instigar as crianças a entrarem no mundo mágico da leitura e lhes trazer o alimento que é o livro! A palavra alimento, citada na revista Nossa Praça (2012?) chamou minha atenção, pois, para mim, é um alimento que nutre o ser humano por completo, na busca de conhecimento, de troca, de informações, não ficando restrito somente aos assuntos e ideias próximas das conversas com amigos.

O professor não pode deixar o alimento acabar: se a criança demonstrar curiosidade, é hora de oferecer outro livro, estimulando a criatividade, soltando a imaginação, familiarizando-a com a escrita e expandindo seu vocabulário.

É importante oferecer esse alimento para as crianças mesmo quando elas ainda não têm domínio da fala direito, pois esse contato será essencial para o seu desenvolvimento. Segundo Silva (1992, p. 57), “bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento”.

As narrativas são uma arte eficiente para despertar e ajudar o interesse pela leitura e estimular o mundo da imaginação. Para que o resultado seja satisfatório e positivo, é preciso ter entusiasmo, gostar da história e despertar o interesse por outras obras.

Durante a contação, é importante manter a sequência da história, mas não impedir que as crianças façam perguntas. As respostas devem estar de acordo com as falas do grupo, sinalizando a vez de cada um falar.

Contar história é uma arte: o ato de ouvir a história é um momento prazeroso para a criança. Ao ouvir uma história, ela se empolga, desenvolve a concentração, tenta interagir, sente desejo de participar. A história, quando bem contada, contribui para a formação do caráter, para o desenvolvimento da concentração, o despertar da imaginação, estimula valores morais e éticos e, ainda, facilita no processo de aprendizagem, levando à mudança de atitudes, se constituindo estratégia pedagógica.

As histórias devem ter uma linguagem simples, transmitir valores culturais, ser divertidas e promover relações saudáveis e afetivas. É fundamental o uso de recursos visuais para melhor entendimento do enredo, a criança precisa utilizar o concreto para relacionar ao que está ouvindo. Os recursos mais apropriados são: livros, dedoches, fantoches, gravuras, objetos e figuras.

A contação de história precisa ser adequada à faixa etária, ao interesse, à necessidade, com linguagem simples, frases curtas e com repetições, para facilitar a leitura e a memorização da história.

A educação infantil deve ser então, desde o primeiro dia de aula, um lugar para a experiência, a necessidade, a importância e a aprendizagem de utilizar a oralidade, a leitura e a escrita, conforme as orientações curriculares preveem. “Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de

divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada.” (ABRAMOVICH, 2008, p. 24)

As crianças entre 3 e 4 anos, após ouvir um conto de fadas ou outro gênero, pedem sempre uma folha e lápis para registrar a história em forma de desenho. Além de recontar, criar novos personagens, dramatizar, interagir uns com os outros, citando os personagens que mais as atraem, que são a bruxa, o lobo e a princesa, são ações que as ajudam no enfrentamento do medo, na busca de um final feliz.

3 COLHENDO OS FRUTOS

Até agora, tudo o que eu tenho planejado está dando certo: crianças amando os livros, desenvolvendo a imaginação e o gosto pela leitura. Isso se tornou um hábito muito interessante, uma conquista prazerosa e significativa para todo o grupo – educando educador. Descobri, junto com elas, como é importante a leitura. Hoje valorizo a leitura, aguço desejos, desperto interesses, e sou afetada pelos livros de alguma forma. Como diz Machado de Assis, “palavra puxa palavra, uma ideia traz outra ideia, assim se faz um livro”. Realmente, escrevendo, tive que puxar muitas palavras e organizar muitas ideias para concretizar um trabalho que eu não dominava: a leitura em sala de aula. Desejo realizado. Uma conquista, uma imersão de corpo e alma com as crianças nessa descoberta fantástica.

Hoje sou professora de educação infantil, consciente da necessidade e da importância de estimular o prazer pela leitura, nesse processo da formação, da oralidade, da linguagem. Esta pesquisa agregou-me valores importantes a respeito de políticas públicas, mudanças sociais e culturais.

Minha felicidade foi no final do ano passado, em uma conversa com as crianças, quando percebi o interesse que elas tinham por ganhar um livro no Natal.

Nossa! Foi uma surpresa muito grande, sinceramente não esperava por isso. Procurei fazer o melhor acreditando que no ano seguinte elas estariam familiarizadas com a leitura e com a escrita. Minha intenção era estimular a criatividade, a imaginação por meio dos livros, apresentando os contos mais apropriados para cada ocasião. Ler para as crianças provoca mudança na sua história, no seu comportamento e hábitos; sabemos que o desenvolvimento das mesmas depende do estímulo, do afeto, do carinho, do acolhimento e de muito diálogo.

Introduzir o hábito da leitura em minha turma de 3 anos foi muito grandioso, ampliando o universo cultural das crianças. Esses procedimentos de contato com os livros reforçaram o gosto e o prazer pela leitura. O retorno foi fascinante: pedir um livro como presente, isso foi, para mim, um impacto, uma mistura de sentimentos; crianças tão pequenas e envolvidas no mundo da leitura!

Mas, para isso acontecer, houve um momento específico; rotina diária para as atividades, manuseio dos livros, leitura junto com as crianças, as imagens e os textos, mostrando as figuras e nomeando cada um dos personagens. Assim, desenvolvi a concentração, a escuta atenta, através da entonação e do ritmo, usando meu corpo e voz e auxiliando com os recursos adicionais; como fantoches, dedoches, dentre outros.

Durante as atividades, ia observando a forma como elas se relacionavam com os livros, as preferências e o tempo que cada uma necessitava para não tornar cansativa a proposta, respeitando o tempo de cada um e para não ficar disperso.

Descobri que a rotina precisa estar bem estruturada, com livros atraentes e variados; o espaço adequado, com decoração na sala ou no canto; o chão com colchas ou tatames, em que todos possam compartilhar e ficar à vontade para manusear os mesmos. Convidar as crianças a serem as protagonistas nesses momentos é uma boa maneira de observar cada sujeito e sua aprendizagem. Muitas vezes, elas repetem a mesma trama mais de uma vez, pedindo para o educador narrar novamente; isso faz parte do aprendizado delas. Costuma ser uma estratégia para que aprendam a história e prestem atenção em outros detalhes diferenciados a cada vez.

Durante o ano, os educandos foram se apropriando da leitura e das visitas à biblioteca da creche. Toda vez que elas eram solicitadas para visitar a biblioteca, deixavam os brinquedos de lado e imediatamente se dirigiam para o local com muita alegria e euforia, tinham pressa de chegar ao local.

Os livros mais cobiçados por elas eram *Os Sonoros* e *Contos de Fadas* que tinham os personagens do lobo e das bruxas. Esses foram os livros que mais compartilhei com eles, desenvolvendo a percepção, a audição e a expressão.

Aproveitava as histórias para desenvolver atividades em grupo ou individuais. Uma das atividades construídas no grupo foi com a história de João e Maria; construímos a casa da bruxa, com todas as guloseimas. Os materiais usados foram:

- Papel crepom de várias cores, para os confetes;
- Cartolina marrom para as bolachas e chocolates;

- Emborrachados coloridos para os docinhos e balas;
- Papel YOK para a estrutura da casa.

A casa ficou linda e muito colorida, e, depois de pronta, ficou exposta na sala. Outra atividade que amaram fazer foi a construção das casas dos três porquinhos. Depois da história narrada, fizemos a casa dos porquinhos, com os seguintes materiais:

- Palitos de sorvetes, para a casa de madeira;
- Palhas, para a casa de palha;
- Papel tijolinhos, para a casa de tijolos;
- Papel YOK, para a base da casa;
- Todas as crianças colaram os materiais, adequados nas casas, usando cola branca.

Essa atividade ficou exposta na sala, para que visualizassem e recontassem a história e o que aconteceu com os três porquinhos. Na turma do maternal, tinham alguns líderes que gostavam de contar a história para os amigos, imitando a professora. Eles convidavam outras crianças para ouvir a história na roda.

Outra observação importante que fiz nesse período foi quando as crianças iam para o parquinho e eu aproveitava para organizar o espaço da sala, fazendo a arrumação diária. Mas, aos poucos, elas chegavam e perguntavam: “posso pegar um livro?” e a minha resposta era imediata: “Sim!” A criança pegava o livro e continuava dentro de sala.

Quando percebi, das treze crianças que antes estavam no parquinho com a professora, dez estavam dentro da sala com o livro na mão. De repente, entrou a professora e disse: “Ninguém quer ficar no parquinho?” e a resposta surpreendente foi: “Não!”

Esse episódio aconteceu por várias vezes este ano e só reforçou que a leitura já tinha contagiado aquelas crianças.

Em relação às famílias, esse contato com a leitura influenciou pouco, mas algumas mães, ao chegarem à creche pela manhã, pediam livros para os filhos (as) manusearem; as crianças já entravam na sala na intenção do livro. Madalena Freire ensina que: “para que a mudança possa ser construída é necessário ir devagar com o novo.” (2010, p. 186)

Uma forma de re-apresentar esses processo para as famílias é fotografar as atividades e compartilhar com o grupo, expondo em cartazes os livros e os desenhos feitos a partir da história, valorizando, assim, o trabalho da criança. Esse é um meio de aproximar as famílias da creche, convidando a ver as atividades dos filhos; oferecendo livros para os pais levarem para casa, estreitando os laços familiares. E essas são ações que tenho desenvolvido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro é o primeiro contato que a criança tem com a leitura e neles, a fantasia e o real estão próximos de forma bem natural. São instrumentos muito interessantes; as cores vibrantes das páginas estimulam os sentidos das crianças, contribuem para o desenvolvimento do raciocínio. Eles tornam as crianças capazes de entender aquelas figuras e estão nas entrelinhas, fazendo a leitura do mundo, assimilando, acomodando os conhecimentos apresentados a ela. A linguagem do mediador deve ser simples, mas com ideias profundas, estimulando a criança nesse processo de conhecimentos e valorizando sua independência de pensamentos.

A leitura desde cedo é muito bom, a criança organiza o pensamento, enfrentando o medo e aliviando suas angústias, alimentando o sujeito na conquista da linguagem. Os textos precisam ter uma linguagem acessível, mas, cuidado! não subestime a criança. A narrativa deve ter riqueza, pois ela está em processo de construção da oralidade, a linguagem está relacionada com o pensamento, por isso a importância de oferecer bons livros. Outro aspecto muito importante é que as crianças tenham um mundo letrado. As palavras escritas servem para conhecer o mundo e ampliar o vocabulário, construindo novos saberes. O momento é de imaginação e fantasia, tornando possível aquilo que é impossível.

O livro quanto mais colorido melhor. A criança viaja e, muitas vezes, entra no mundo imaginário, criando seu próprio universo, brincando no mundo do faz de conta. Nessa descoberta, observa cada figura, textura, cores, formas e letras. Absorve tudo com grande facilidade e encantamento.

O contato diário com o livro ajuda na formação do mundo da escrita, da personalidade, da simbologia de acordo com as vivências e experiências da criança e também com a na construção do eu cognoscente, como sujeito falante e autor de suas próprias criações: as páginas são as bases para fluir o encanto, a magia, a fascinação e o lúdico.

A sala de leitura proporciona uma aproximação da criança com os livros. Nesse manuseio, as texturas são vivenciadas com um toque diferenciado, mais intenso.

Os livros possibilitam a formação do pensamento, do agir, do sonhar; transportando para os novos horizontes, como: tempo, lugares e culturas, desenvolvendo a capacidade verbal em todas as áreas do conhecimento.

Meu empenho foi aguçar o prazer pela leitura, ampliar o vocabulário, desenvolver a capacidade de ouvir, a expansão da escrita, da oralidade e do movimento corporal. Foi também aproximar a criança de obras literárias diferentes das que já conheciam.

Mudança significa intervir no comportamento das crianças, no desenvolvimento da imaginação, sempre muito envolvida com a dramatização, participando dos teatros organizados pelos professores. Diante disso, busquei conhecer e desenvolver, na criança, as competências da leitura e da escrita, oportunizando a imaginação, envolvendo os sentimentos das pessoas, a compreensão e o conhecimento do mundo, da arte. Nesse processo, a criança constrói um campo imaginário de sua própria autoria, mostrando o que conhece e o que acontece a sua volta.

Este foi meu papel como mediadora: transformar o indivíduo, por meio da leitura, em um sujeito ativo, responsável por sua aprendizagem e do grupo, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABROMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. A estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: nov. 2012.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1991.
- CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação Infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, Sp: Autores Associados, 2009.
- FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- _____. **Educador**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Paulo. A **importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1991.
- REVISTA NOVA ESCOLA. São Paulo: Abril, out.-nov., 2007.
- RIO DE JANEIRO, **LEI Nº 5.217**, de 1º de Setembro de 2010. Disponível em: <<http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/f25edae7e64db53b032564fe005262ef/d5fc2a0505add1a68325779200673ef4?OpenDocument>>. Acesso em: nov. 2012.
- SOUZA, Rosiane Muniz Mello de. **Minha terra** (poema). Rio de Janeiro, 2010.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A imaginação e a arte na infância**. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2009.